

RETALHOS DA MEMÓRIA DO QUILOMBO QUENTA SOL: TRABALHO E MIGRAÇÃO NO CENÁRIO DO PÓS-ABOLIÇÃO

Célio Augusto de Oliveira

Mestre em História e Cultura Social pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)

E-mail: celioaugusto@ig.com.br

Palavras-chave: Memória. Trabalho. Migração. Quilombo.

A comunidade negra rural chamada *Quenta Sol*, pertencente ao município de Tremedal, situado no sudoeste da Bahia, esforça-se para manter viva sua memória e, por meio da oralidade, registra muitos momentos de conquistas e dificuldades vividos por seus ancestrais e que ainda despontam no seu cotidiano. *Quenta Sol* surgiu logo após o fim da escravidão, num período de muitos conflitos no sertão. Muitos fazendeiros abandonaram as terras porque não conseguiam manter as fazendas sem o trabalho dos escravos, e nas terras abandonadas muitos ex-escravos com suas famílias permaneceram ou ocuparam, tornando-se posteriormente proprietários, enquanto outros tornaram-se meeiros e agregados. Dentre os vários aspectos da história do quilombo *Quenta Sol*, neste artigo apresentamos algumas notas de pesquisa sobre a trajetória de Conrado, o patriarca da comunidade, contextualizando com a situação do trabalho e da migração no momento do pós-escravidão no sertão. Para tanto recorreremos à memória apresentada pelos relatos orais dos moradores da comunidade.

Foram muitas as produções historiográficas, individuais e coletivas, sobre os remanescentes de quilombos a partir do final dos anos de 1970 (ARRUTI, 1977). Sem dúvida, a partir dessas primeiras publicações, o tema foi ganhando muito mais repercussões e hoje o número de comunidades quilombolas identificadas chega a 743, segundo dados da Fundação Cultural Palmares.

O quilombo *Quenta Sol* é uma comunidade negra, roceira e sertaneja, cuja história e memória se manifestam em sua cultura e por meio das suas vozes. As narrativas de seus moradores revelam algumas passagens da trajetória do seu patriarca, filho de um escravo, no momento de pós-escravidão. Conrado Pedro da Silva, acompanhado de sua família, ocupou e se fixou numa terra abandonada, aproximadamente em 1916, no município de Tremedal, no sertão baiano, numa região onde existiam muitas áreas desocupadas, por serem lugares de difícil acesso, de clima seco e solo pobre, distantes das vilas e pequenas cidades. A memória

da comunidade e a sua oralidade são capazes de situar o conjunto dos sujeitos e suas práticas no contexto específico de um remanescente quilombola, considerando o seu momento histórico e o espaço geográfico e político do sertão da Bahia.

É nesse momento privilegiado, em que verificamos as transformações no campo do trabalho, no relacionamento social e nas mentalidades, onde percebemos as experiências de conflitos entre a atuação dos fazendeiros e ação de resistência dos ex-escravos trabalhadores.

Nesse período, afirma Maria de Fátima Novais Pires (2006),

No alto sertão, as populações pobres egressas do cativeiro estiveram continuamente no ir-e-vir por regiões mais próximas dos lugares de origem. Transitavam entre o sertão e a Chapada Diamantina, de acordo com as contingências da vida. As suas “diásporas” para São Paulo parecem ter ocorrido algum tempo depois da abolição (PIRES, 2006, p. 1).

Em muitos lugares do alto sertão baiano, no pós-abolição, famílias inteiras de escravos e forros, não encontrando trabalho e não tendo para onde ir, permaneciam nos arredores em busca de comida, perambulando pelas vilas e pequenas cidades, como Tremedal. Os que puderam trabalhar desenvolviam atividades consideradas inferiores. Alguns deles sequer sabiam do fim da escravidão. Esta confusão fez com que muitos continuassem na lida das fazendas, trabalhando por comida, como meeiros ou cuidando da sua própria roça, como agregados. Formaram suas famílias e continuaram na terra, como lembra José Gonçalves da Silva, morador de *Quenta Sol*:

Antigamente a gente (falando dos antepassados) trabalhava de diarista, levava uma vida sofrida, porque se não trabalhava não comia. [...]. Quando o tempo estava muito quente, a seca matava a plantação. A mandioquinha às vezes no porte de um metro e pouco, voltava pra trás (morria). E aquele pai de família caía no mundo, ia pra Vitória da Conquista e pra tudo o que é canto, caçando o pão pra dar de comer aos filhos. Ia pra Conquista a pé, isso levava quase três dias pra chegar. Lá ele trabalhava entre 15 a 20 dias. Com um jeguinho, tocando uma “carguinha” (mantimento), chegava com umas coisinhas e dava aos filhos. Dali ele caía no mundo, porque não tinha mais o que comer.¹

As coisas foram acontecendo muito lentamente, e ainda que os fazendeiros soubessem da lei da abolição e, conseqüentemente, do fim da escravidão, eles desejavam continuar com o sistema de servidão.

¹ José Gonçalves da Silva, entrevista concedida em 2006.

Apesar das migrações e dos abalos provocados pelas crises sócio-econômicas, os negócios de proprietários locais não foram paralisados; tropas e boiadas seguiram seus cursos, enquanto fazendeiros e sitiantes continuaram a contratar agregados e diaristas. Nas pequenas cidades, os artífices realizavam os mais variados serviços nas oficinas locais. Noutras palavras, as atividades agropastoris e o desenvolvimento do artesanato de couro e metais garantiram fôlego à economia regional (PIRES, 2006, p. 1).

A passagem da escravidão para a abolição parece afetar a organização e funcionamento das relações de poder local de fazendeiros proprietários de escravos e de comerciantes. Estas múltiplas relações de trabalho especificam a estrutura produtiva, o fluxo de comércio coexistindo com as secas periódicas; mas, “não se observa um processo migratório tão intenso que justificasse um despovoamento do sertão após a década de 1890” (PIRES, 2006, p. 1). Nesta dinâmica está situado o quilombo *Quenta Sol*, conforme indicam as memórias dos seus moradores sobre Conrado. Joaquina Maria dos Santos, filha de Conrado, assim descreve algumas passagens de sua família pelas fazendas da região, onde seu pai trabalhou, por volta de 1928:

Meu pai não falou que ele era escravo. [...]. Ele morava na Fazenda Neblina. Não sei se foi lá que ele ficou como escravo. Eu não sei onde meu pai nasceu. Antes de ir para a Fazenda Muriçoca, ele trabalhava [...]. Era assim, ele era tropeiro, só que o homem que criou ele morava na Fazenda Neblina. Ele era tropeiro e vendia produto para esse homem. Ele carregava, matava porco e exportava para fora. Nesse tempo era com burro. Acho que vendia para Minas Gerais. Antes de trabalhar como tropeiro eu não lembro. Antes do Quenta Sol a gente morava lá na Fazenda Muriçoca. Lá ele teve cinco.²

O tropeirismo no sertão baiano tornou-se atividade mais intensa a partir do século XVII, com os criatórios de gado e lavouras de subsistência que abasteciam as adjacências do Rio São Francisco, as áreas mineradoras da Chapada Diamantina, as pequenas cidades que foram se formando sertão adentro e cidades mineiras próximas das divisas com a Bahia, chegando ao fim do século XVIII a abastecer até a região de Sorocaba-SP. As tropas eram constituídas por mulas e jumentos. Uma das três principais rotas abastecidas pelo tropeirismo era a

Via do Rio São Francisco – onde se realizava um comércio ativo de carne seca e sal extraído da terra. Por esta via, chegava-se a Januária - MG, região produtora de aguardente e rapadura, a São Francisco das Chagas, atual Barra, produtora de sal (extraído da terra) e a Carinhanha. Por ali se realizava o abastecimento de aguardente e rapadura para os chamados

² Joaquina Maria dos Santos, entrevista concedida em 2006.

“currais da Bahia” e estes últimos abasteciam a região mineradora com gado e carne seca. Com o surgimento das vilas do sertão, a partir do século XVIII foram abertas novas estradas, como Jacobina – Rio de Contas (BA) – Minas Novas (MG) (PIRES, 2003, p. 39-40).

Outras estradas foram abertas no século XIX, formando vários entroncamentos onde os produtos sertanejos pudessem circular. Alguns estudos dão conta que a atividade comercial dos tropeiros perdurou até o fim do século XIX e metade do século XX por volta de 1956. Este período coincide com a época em que Conrado foi tropeiro nessa região do sertão.

Quando Conrado nasceu seu pai ainda era escravo, provavelmente na Fazenda São João dos Negros. Ele ficou sob os cuidados do padrinho. Ao que parece, existe uma incerteza quanto ao fato de Conrado ter sido ou não escravizado, pois a memória da comunidade confunde a sua figura com a figura do seu pai.

Lindaure Maria dos Reis, trás na memória a seleção de imagens contínuas e descontínuas, cuja tarefa nossa foi a de “historiografar” com os acontecimentos históricos:

Meu avô chamava-se Pedro “não sei o quê” da Silva. Ele foi escravo na Fazenda São João dos Negros. Meu pai foi criado com um padrinho dele. Pai se criou sem pai e sem mãe. Os pais de meus pais foram escravos. O pai de pai era escravo na Fazenda São João e a mãe era lá para o lado do Jacaré, desse Francisco Moura.³

A contribuição da memória para o debate sobre comunidades negras no Brasil realça o seu papel de fonte histórica na construção de um conhecimento e no aprofundamento das discussões acerca da realidade em que viveram os antepassados. São construções e reconstruções de conhecimentos, de pessoas que testemunharam e vivenciaram uma parte da realidade histórica, que o pesquisador tem a oportunidade de analisar, comparar e apresentar.

“Os modos de recordar não se mostram óbvios” e, assim como dizia Walter Benjamin, o exercício da memória surge como “um passado repleto de agoras” (SCHWARTZ, 2001, p. 21). Assim é lembrada a ancestralidade escrava de Conrado, nos relatos de Joaquina Maria, quando este enfrentava as dificuldades de um mundo rural sertanejo de pós-abolição de muitos conflitos:

Antes do *Quenta Sol* a gente morava lá na Fazenda Muriçoca, e antes de trabalhar nessa fazenda meu pai era tropeiro. Só que o homem que criou ele (o seu padrinho) morava na Fazenda Neblina... Ele era tropeiro e vendia produtos para esse homem.⁴

³ Lindaure Maria dos Reis, entrevista concedida em 2009.

⁴ Joaquina Maria dos Santos, entrevista concedida em 2006.

“A função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente” (BOSI, 1994, p. 89) e produz a história. Em entrevista, Daria Maria Nunes afirma que,

Quenta Sol era de Conrado, casado com tia Joaquina. Ele morou lá há muito tempo; era um negão, preto, beijudo [...], acho que ele era dos nagôs. Os nagôs eram desses que no tempo da alforria (se referindo à escravidão) botavam a cabeça deles dentro do forno quente e puxava, quando fazia alguma coisa errada [...]. Parecia que ele era escravo.⁵

As dificuldades sofridas no primeiro período da chegada em *Quenta Sol*, acrescida da acolhida de muitos ex-escravos, fugidos da exploração nas fazendas, da seca e da fome, inscrevem-se na tradição memória. Contar as histórias, para Maria Nunes, bem como para toda comunidade quilombola, sobretudo para os mais “velhos”, é o mesmo que retornar aos círculos do passado, sofrimentos e esperanças. “O tempo da memória histórica aparece aqui integrando varias temporalidades em um tempo contínuo, sem rupturas lógicas entre passado, presente e futuro. [...], absurdo aos olhos da história acadêmica, escrita” (DELEUZE, 1990, p. 119).

Percebemos que na memória da comunidade continuam presentes as condições de vida e de identidade, diferentes temporalidades formais que se confrontam no instante que são ditas, são como “alternativas indecifráveis entre círculos de passado, diferenças inextricáveis entre pontas do presente” (DELEUZE, 1990, p. 129).

Joaquina Maria, quando fala dos acontecimentos de sua família, fala de si mesma e das dificuldades que viveram, morando em várias fazendas, e sugere que o lugar em que mais sofreram foi na Fazenda Muriçoca, pois quando estavam progredindo, criando porco, galinha, cabras e trabalhando na agricultura como meeiros, foram forçados a se mudar por conta das desavenças com o fazendeiro. Os depoimentos de Joaquina são confirmados por Lindaura:

Eu já tinha quase uns 15 anos ou mais no ano em que nós viemos para o *Quenta Sol*. Deu o que fazer pra ajeitar um dinheirinho pra comprar isso aqui! Quando eu nasci meu padrinho me deu uma bezerra. Essa bezerra deu cria e tinha uma novilha e um bezerro. Quando meu pai mudou para este lugar, porque lá na Fazenda Muriçoca era um “brigueiro” [muitas brigas]. A Fazenda Muriçoca era do finado Moisés. Meu pai trabalhou muito pra Moisés. Ele pegou novilha, pegou minhas cabras e vendeu, vendeu as coisinhas dele. Eram 400 mil reis. Eu fiquei chorando toda vida. Daí viemos para o *Quenta Sol*.⁶

⁵ Daria Maria Nunes, entrevista concedida em 2006.

⁶ Lindaura Maria dos Reis, entrevista concedida em 2009.

No sertão, muitas famílias tornaram-se semoventes em busca de sobrevivência. Ao que tudo indica, Conrado trabalhava sob péssimas condições, como agregado numa Fazenda. Não havia respeito por parte do fazendeiro para com a sua família, como acontecia com a maioria dos que moravam nessa fazenda. O tempo todo era de humilhações, com palavras de acusação e de submissão do fazendeiro, e o dinheiro que recebiam pelo trabalho não dava para o sustento da família. É um reflexo da dinâmica social escravista:

Os insultos, calúnias e difamações, constantes em toda vida social, foram potencializados nas sociedades escravistas diante da dominação senhorial e da violência em todas as suas esferas. Principalmente para os seguimentos sociais pobres, destituídos de condições materiais dignas e sob o estigma da cor, o resguardo de condutas morais tacitamente aceitas, e ainda o escamoteamento de supostos “deslizes”, além de caros nesse meio, radicalizaram as tensões internas (PIRES, 2003, p. 230).

Essa situação não acabou com a abolição, aliás, intensificou-se no pós-abolição. As disputas na condução do trabalho, nesse período, era uma forma de exploração por parte dos fazendeiros que trapaceavam a fim de discriminar os agregados, submetendo-os a uma condição degradante de trabalho e moradia, onde os trabalhadores encontravam poucas saídas, senão, aceitar essa forma de tratamento a fim de sustentar a família. Essa situação de humilhação, certamente, fez Conrado tomar a decisão de procurar outra forma de vida, outro lugar, uma terra, agora uma terra que seria sua, onde sua família não tivesse que se submeter aos maus tratos que ele e seus antepassados haviam sofrido. Segundo relatos dos seus filhos, que chegaram junto com ele na nova terra, aquele projeto tinha que dar certo, mesmo que isso custasse sua própria vida e a vida dos seus familiares no trabalho duro, na lida com a terra, mesmo assim tinham que arriscar.

A história do mundo rural no Brasil, a história da fazenda e de seu universo, é uma história de violências. A sua primeira manifestação, a que deixou raízes profundas e duradouras na sociedade brasileira, foi a escravidão. Mas a partir dela temos uma diversidade muito grande de ocorrências: a violência contra o agregado ou morador de favor, a violência contra o imigrante das fazendas de café, muitas vezes também chamado à época de escravo branco, a violência contra o posseiro, a violência contra o trabalhador volante ou temporário, a violência contra o assalariado e hoje, ampliando ainda mais o espectro, a violência contra os sem-terra. Tratam-se de forma que coexistem em muitas regiões ainda hoje (LEONÍDIO, 2006, p. 7).

Assim podemos entender que a violência no Brasil tem um caráter de naturalidade manifestada desde o início da escravidão. Para o “ex-escravo”, sair desse ciclo vicioso foi um

desafio, quando a violência contra o negro é socialmente aceita em todo o seu contexto, do insulto à condição de pobre e negro à exploração do trabalho.

Assim nasce o sonho de Conrado, que resulta numa comunidade, o quilombo *Quenta Sol*. Ali começa o trabalho por liberdade, a renúncia à exploração e a humilhação. Uma segurança enraizada na terra, onde se plantou os frutos para as gerações atuais.

Os anos que seguiram no *Quenta Sol* foram muito difíceis, os filhos ainda pequenos tinham que ajudar na lida da roça. Nos períodos de seca pouco se colhia e isso era motivo de muita preocupação. Como fazer para alimentar tantos filhos? No convívio com Conrado, Joaquina lembra muito bem: “eu lembro direitinho, o jeito com os filhos, ele era meio sem paciência com os filhos, mas era muito bom pra nós. Agora, tinha que trabalhar; isso ele não facilitava não”.⁷

O fato de Conrado ter ficado na mesma região onde seu pai fora escravo, aponta para as pouca alternativas que tiveram a maioria dos ex-escravos, ou seja, continuar empregados, agregados e subservientes. Essa estratégia de sobrevivência fez Conrado se firmar no *Quenta Sol*, após a experiência na sociedade de mentalidade escravocrata.

A situação de exploração pouco ou quase nada mudou no sertão baiano. Ao que parece, a liberdade pouco libertou e, em muitos casos, até escravizou (REIS, 1996).

Assim como nas demais províncias escravocratas, preconceitos de toda ordem foram sentidos pelos negros no alto sertão baiano. Realidade não particular, o crime na cor deve ser pensado nas dimensões cotidianas, onde se singularizavam ações e reações dos negros – escravos e forros – na construção de estratégias próprias de sobrevivência (PIRES, 2003, p. 236).

A Bahia, Estado brasileiro de maior presença negra, foi um dos lugares onde a resistência negra contra a escravidão aflorou com mais densidade e se destacou com o surgimento dos primeiros quilombos. Conforme o Dicionário da Escravidão Negra no Brasil (MOURA, 2004, p. 335), “o primeiro quilombo que se tem notícia data de 1573”. Numa análise histórica, a existência dos quilombos interferiu em toda estrutura social e política de todo período escravocrata. João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (1996) mostram como um quilombo podia manter relações com a sociedade ao seu redor, ou seja, a mesma sociedade que escravizou e que por muitas vezes contatava os quilombolas em troca de benefício econômico.

⁷ Joaquina Maria dos Santos, entrevista concedida em 2006.

Chegado o fim da escravidão, a questão quilombola e todos os ex-escravos foram relegados ao esquecimento. Aos negros restou a sobrevivência à margem da sociedade. No meio rural viveram perambulando, como agregado ou como trabalhador temporário. Muitos permaneceram nas fazendas que foram abandonadas pelo fazendeiro ou que receberam como herança ou doação. Muitas famílias ocuparam terras devolutas e dessa maneira foram se formando as Comunidades Remanescentes de Quilombos do século XX.

A postura que acompanha a formação do quilombo demonstra a forma de apropriação territorial e também cultural num plano imediato, na disputa pelos espaços sociais e políticos. A terra mantém a unidade familiar e comunitária; mas, cada núcleo familiar possui e administra o seu pedaço de terra, apropriando-se dos recursos naturais que nela exista, plantando e criando animais. Em diversas ocasiões, no entanto, todos se unem em mutirões para realizarem trabalhos comunitários em construções, colheitas, preparo da terra para o plantio, em festas religiosas ou não.

Atualmente, uma significativa alteração vivida pelos moradores, por causa das dificuldades materiais, são as idas e vindas para São Paulo, para onde migrou parte da comunidade. Em entrevista, Marcos Antunes dos Santos afirma:

Minha infância aqui na roça foi trabalhar e estudar. Eu estudei até a 8ª série. Na roça trabalhei como lavrador. Foi depois da 8ª série que resolvi ir embora pra São Paulo, procurar um recurso melhor, porque aqui vi que não “tava” dando certo para mim.⁸

Para os que retornaram desse emigrantismo ou para aqueles que permaneceram na comunidade, pouca coisa mudou em relação aos costumes e à tradição. Lindaura revive na memória sua peregrinação, as cenas que marcaram sua vida desde a infância e a luta da família pela sobrevivência de um futuro melhor.

Eu me casei aqui e fui pra São Paulo, não fui trabalhar não. Eu já era casada e já tinha os filhos todos, eu já era viúva, quando fui pra São Paulo. Eu já tive em São Paulo em tudo que é canto [...]. Nós saímos da Fazenda Muriçoca e viemos pra cá, casamos, fizemos a nossa casinha, outros foram para São Paulo. Já morreram todos [da minha época] os que foram pra São Paulo.⁹

Maria Marinho de Azevedo (2004) faz um estudo minucioso e preciso sobre o imigrantismo escravo no século XIX para São Paulo, o conflito racial com a chegada dos

⁸ Marcos Antunes dos Santos, entrevista concedida em 2008.

⁹ Lindaura Maria dos Reis, entrevista concedida em 2009.

imigrantes europeus e o início da industrialização. Azevedo trata o racismo como uma construção ideológica da burguesia “conquistadora” e finalmente põe em evidência a velocidade dos acontecimentos do século XIX que foi a luta de classe, no caso do Brasil, a população negra e a branca.

Observamos no estudo de Azevedo que no século XIX a população negra foi sendo arrastada para São Paulo, tanto para o interior como para a capital. No primeiro caso, o negro como escravo indo para o interior do Estado trabalhar nas fazendas de café; e no segundo caso, o negro livre ficando na capital para trabalhar como doméstico ou em outros subempregos, porque, segundo a elite preconceituosa, o negro não servia para trabalhar nas fábricas que começavam a se formar. No entanto, são os braços negros que nos séculos XX e XXI continuaram saindo do interior do Brasil, principalmente do sertão nordestino, e sustentaram a força econômica de São Paulo. Agora não mais como escravos, mas como emigrantes, fugindo da seca, do desemprego e da fome; trabalhando nas mesmas condições de subempregados a que foram submetidos seus antepassados.

Seria interessante traçar um paralelo entre essas idéias e o quilombo *Quenta Sol*, que vem experimentando essa situação a partir da segunda geração de Conrado, aproximadamente a partir de 1940, quando quase todos os filhos e netos de Conrado migraram para São Paulo. Contudo, essas idas e vindas não provocaram o desaparecimento do quilombo, mesmo que essa situação permaneça até hoje.

A abolição libertou os corpos dos negros, mas não os libertou dos sacrifícios pela sobrevivência; do trabalho duro a que são submetidos nos grandes centros urbanos onde servem de pedreiros, carpinteiros, empregados domésticos e tantos outros subempregos; morando sob a violência da periferia; convivendo com os perigos das drogas entre outros desafios.

A conversa amigável e sincera com Rosalvo Pereira da Silva nos revela a dimensão do sofrimento e das angústias sofridas na infância dura de muitos quilombolas e a necessidade de ir para São Paulo em busca de sobrevivência, na juventude ou na idade adulta:

Quando eu era criança, a escola era paga e nós éramos em 8 irmãos e meu pai não podia pagar. Meu pai sempre falava: - “quando acabar a destoca da capoeira, vocês vão pra escola de Marieta”, mas depois tinha um tanque [represa de água] e ele dizia: “vamos limpar o tanque ali, depois, vocês vão pra escola de Marieta”. Acontece que depois vinha a chuva e aí tínhamos que plantar. Aí ficou nessa. [...] trabalhei demais em São Paulo, aprendi a trabalhar de pedreiro, agora trabalho só na roça, porque já estou de idade,

trabalho de pedreiro, mas eles quase não me chamam. Isso é pra gente nova. É para os novos!¹⁰

O “trabalho marginal” de que trata Azevedo (2004) em relação aos trabalhadores estrangeiros no início do século XX, traz de volta a marginalidade do trabalho do negro no século XXI, pelas situações a que são submetidos. É o caso de Marcos Antunes dos Santos:

São Paulo não é bom pra se viver, é uma cidade grande, muita violência, é muito perigoso. A gente vai pra lá porque não tem outro jeito, mesmo arriscando a vida, né? Em São Paulo tem muito jovem daqui, por isso tem pouquinho gente aqui. Aqui eu não estava conseguindo me manter, porque o dinheiro que entra aqui vem das aposentadorias ou de algum parente que manda. Lá eu trabalho pra mim mesmo.¹¹

As considerações do jovem Marcos sobre a vida na roça e a vida na cidade evidenciam um futuro de poucas esperanças quanto ao estudo e as melhoras nas condições financeiras. Agora, na cidade de São Paulo, se vê no duro esforço pela sobrevivência assim como aconteceu com os antepassados escravos.

Atualmente, muitas pesquisas e revisões da historiografia do sertão vêm ajudando a compreender o cenário vivido pelos negros durante a escravidão e possibilitando estudos mais aprofundados do pós-abolição, por meio das mais variadas formas de documentação: registros documentais, fotografias, cartas, objetos, instrumentos de trabalho, moradia e, sobretudo os depoimentos orais.

A trajetória de Conrado, patriarca da comunidade *Quenta Sol*, quando contextualizada com a situação do trabalho e da migração no momento do pós-escravidão no sertão, nos aponta para a situação vivida pela maioria dos negros nesse período. Os relatos da memória individual e coletiva contribuem para reconstruir a historiografia da comunidade.

No dizer de Maurice Halbwachs (1990, p. 51): “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. Nessa perspectiva, esse artigo aponta para uma reflexão sobre a situação da população negra atualmente. A experiência vivida por três gerações pós-abolição, três temporalidades entrelaçadas entre a vivência na roça, a vivência na cidade grande e o processo de migração. Nessa dinâmica de tempos e espaços, reafirmamos a importância da História Oral como

¹⁰ Rosalvo Pereira da Silva, entrevista concedida em 2006.

¹¹ Marcos Antunes dos Santos, entrevista concedida em 2006.

método de pesquisa para reconstruir a história de vida desta e de outras comunidades, pouco compreendidas ou valorizadas.

Referências

ARRUTI, José Maurício. *A emergência dos “remanescentes”*: notas para um diálogo entre indígenas e quilombolas. Caxambu: Anpocs (mimeo), 1977.

AZEVEDO, Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: o Negro no Imaginário das Elites do Século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELEUZE, Gilles. *A imagem e o tempo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

GUSMÃO, Neusa M. M. *Campinho da independência: Um caso de proletarização “Caiçara”*. 1979. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Pontífice Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1979.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LEONIDIO, Adalmir. *As raízes da violência no campo no Brasil contemporâneo*. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O HISTORIADOR E SEU TEMPO, 18., 2006, Assis. *Anais...* Assis: ANPUH/SP – UNESP, 2006. 1 CD-ROM.

LINHARES, Luiz Fernando. Comunidade negra rural: um velho tema, uma nova discussão. *Revista Palmares em Ação*, v. 1, n. 1, 2002.

MOURA, Clóvis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do negro brasileiro: um processo de racismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PIRES, Maria de Fátima Novais. *O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888)*, São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003.

_____. *Ex- escravos no alto sertão da Bahia - fios da vida*. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O HISTORIADOR E SEU TEMPO, 18., 2006, Assis. *Anais...* Assis: ANPUH/SP – UNESP, 2006. 1 CD-ROM.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTANA, Charles D’Almeida. *Trabalho e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998.

SCHWARTZ, Stuart. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: EDUSC, 2001.

Entrevistas/ Fontes Orais

NUNES, Daria Maria (87 anos). 2006. *Como é viver no Quenta Sol*. Entrevista concedida a Edileusa Santos Oliveira.

REIS, Lindaura Maria dos (95 anos). 2009. *A vivência em Quenta Sol na época de Conrado*. Entrevista concedida a Célio Augusto de Oliveira e Edileusa Santos Oliveira.

SANTOS, Joaquina Maria dos (75 anos). 2006. *Memórias de família*. Entrevista concedida a Edileusa Santos Oliveira e Célio Augusto de Oliveira.

SANTOS, Marcos Antunes dos (22 anos). 2008. *A vida na cidade grande – São Paulo*. Entrevista concedida a Célio Augusto de Oliveira e Edileusa Santos Oliveira.

SILVA, José Gonçalves da (64 anos). 2006. *Como é viver no Quenta Sol*. Entrevista concedida a Edileusa Santos Oliveira em 2006.

SILVA, Rosalvo Pereira da (65 anos). 2006. *A vida em Quenta Sol*. Entrevista concedida a Célio Augusto de Oliveira e Edileusa Santos Oliveira.